

# 100 ANOS DA REPÚBLICA TURCA: DO OTOMANISMO AO NEO-OTOMANISMO<sup>1</sup>

## 100 YEARS OF TURKISH REPUBLIC: FROM OTTOMANISM TO NEO-OTTOMANISM

**SYLVIO PESSOA DA SILVA**

### RESUMO

Este artigo tem a proposta de lançar luz sobre a transição do Otomanismo, passando pelo Turquismo e chegando até o neo-Otomanismo, momentos de importantes alterações políticas no contexto da história turca. A reflexão sobre os movimentos geopolíticos que envolveram a Turquia, com maior enfoque nos últimos 120 anos, contribuirá para a compreensão da importância do país como área de transição. Com esse intuito, apresenta-se inicialmente um breve histórico do país até o fim da I Guerra Mundial, abordando-se, em seguida, características do Estado turco, considerando aspectos geográficos, econômicos, políticos e sociais. A seguir, são analisados acontecimentos que permitem entender a fundação da República turca, período que coincide com o hiato entre as duas Guerras Mundiais, bem como a postura turca no conflito, assim como fatos relevantes que envolvem o pós-II Guerra e a Guerra Fria. Finalmente, explora-se o que caracteriza o neo-Otomanismo e analisa-se a nova postura turca no cenário internacional, considerando sua importância geopolítica no concerto das nações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Otomanismo; Kemalismo; Europeização; Neo-Otomanismo.

### ABSTRACT

This scientific article aims to shed light over the end of the Ottomanism era, passing through the Turkism to bring out the Neo-Ottomanism era, highlighting moments of important political swaps. It's necessary to reflect over the geopolitical moves that embraced Turkey focusing on the last 120 years to understand the role of this country as a transitional region. Thus, after the introduction, a brief summary will be presented terminating in the end of the I World War. On the third party, the characteristics of the Turkish Sate will be presented within geographic, economic, political and social data. Next, events to be showed to perceive understand the emergence of the Turkish Republic - a period that coincides with the span between the two Great Wars (years 1920 and 1930), as well as the Turkish posture on the conflict. On the fifth chapter, we will place some relevant occurrences referred to the post II World War and the Cold War. On the sixth chapter, we will explain what Neo-Ottomanism means as well as we will analyze the new Turkish posture regarding the international cenarium. The conclusion ends up this project which main propose is to emphasize the recent past and the present of Turkey concerning periods of great geopolitical importance of Turkey on the concert of nations.

**KEYWORDS:** Ottomanism; Kemalism; Europeanization; Neo-Ottomanism.

### O AUTOR

Coronel do Serviço de Intendência da Reserva Remunerada do Exército Brasileiro (AMAN,1990); Mestre em Operações Militares (EsAO, 1998) e Mestre em Ciência Militares (ECEME, 2006). Especialista em Logística Empresarial – MBA, pela FGV (2010) e pós-graduado em Relações Internacionais, pela UFRGS (2024). Serviu na UNAVEM III (Angola, 1996), na MINUSTAH (Haiti, 2010-2011) e na Embaixada do Brasil em Beirute (Líbano, 2017-2018). Atualmente, o Cel PESSOA é Analista do CEEEx.



<sup>1</sup> Este artigo corresponde a uma versão revisada do trabalho elaborado no contexto do Curso de Especialização em Relações Internacionais, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sob orientação da Profa. Dra. Analúcia Danielevicz Pereira.

## 1 INTRODUÇÃO

A República da Turquia completou 100 anos em 29 de outubro de 2023, evento com grande importância no cenário mundial. Trata-se de um país que herdou a história de um dos maiores impérios e uma geografia que o colocam em situação de destaque na geopolítica mundial. Historicamente, a região é tão antiga que é citada na Bíblia Sagrada, no Antigo e no Novo Testamentos. A Península da Anatólia está localizada próxima do “umbigo do mundo” e do berço das religiões abraâmicas, tendo sido palco da passagem de muitas civilizações, sede do Império Romano do Oriente e centro do Patriarcado da Igreja Ortodoxa de Constantinopla. Um passado diretamente ligado à história de países e continentes.

A chegada dos turcos no Oriente Médio e a conversão desse povo ao islã modificaram o segundo milênio de nossa Era, período que assistiu às tensões e conflitos entre europeus e destes com os turcos, sobretudo, a partir da Tomada de Constantinopla (1453). Os Impérios europeus<sup>2</sup> e turco chegavam ao final na transição do século XIX para o XX, em meio a um ambiente de disputas, de nacionalismos e de conquistas territoriais, que conduziram o mundo à I Guerra Mundial (I GM).

Ao término do conflito, impérios passaram por uma balcanização<sup>3</sup>. Novos Estados e forças surgiram, formando uma nova comunidade e uma nova forma de fazer política internacional. Nesse ambiente, surgiu a República da Turquia, que deixou, no passado, o status do Império que influenciou o mundo, tendo que passar por uma transformação que transbordou no Oriente Médio. Como Estado Moderno, o país assistiu à II Guerra Mundial, aproximou-se dos países do Atlântico Norte e foi peça importante durante o período da Guerra Fria. Nos novos tabuleiros das geopolíticas regional e mundial, o país continua a ter relevante importância, sendo disputado por potências mundiais.

Este trabalho busca contribuir para a compreensão da formação e do papel geopolítico do Estado turco na contemporaneidade. Para tal, iniciamos o trabalho com uma inserção histórica da Turquia, por meio de uma síntese que termina no período da I Guerra Mundial. Na sequência, a caracterização da Turquia permite-nos compreender as principais questões geográficas, econômicas e sociais que envolvem o Estado. As seções seguintes destacam acontecimentos de relevo no período entre as Grandes Guerras, do pós-II Guerra Mundial até o fim da Guerra Fria e, por fim, a abordagem do período conhecido como Neo-Otomanismo, que coincide com os anos 2000.

## 2 PEQUENO RELATO HISTÓRICO ATÉ A I GUERRA MUNDIAL

Conhecida, inicialmente, como Ásia Menor pelos gregos e, posteriormente, como península da Anatólia, a região da atual Turquia cresceu de importância estratégica à medida que o trânsito de pessoas, exércitos, culturas e mercadorias se intensificava entre o Oriente e o Ocidente. Em 324, por ordem de Constantino, a ex-colônia grega de Mégara (657 a. C.), que havia se tornado Bizâncio (658 a. C.), passou a ser Constantinopla<sup>4</sup> (330), que recebeu o apodo de “Nova Roma”, sendo uma cidade fortificada contra invasões (Carlan, 2009).

---

<sup>2</sup>Impérios germânico, austro-húngaro, russo, britânico, incluindo a França, que praticava o imperialismo, apesar da Terceira República (1870 – 1940).

<sup>3</sup>O termo está associado à região dos Balcãs, onde a fragmentação da antiga Iugoslávia resultou em diversos países com características culturais distintas.

<sup>4</sup>Constantinopla passou a se chamar Istambul após a conquista da cidade pelos otomanos.

O Império Otomano avançou em todas as direções geográficas, projetando-se na África, na Europa Oriental e no Cáucaso, além do próprio Oriente Médio. Tornou-se uma das maiores civilizações, tendo conquistado Constantinopla em 1453, um evento divisor de águas histórico. Em sua existência, devido à origem nômade, assimilou características árabes, persas e bizantinas, que seriam desestimuladas a partir do fim do Império.

Para Meihy (2016), o processo de decadência do Império Otomano (1299 - 1923) iniciou-se no século XVIII, sendo ligado ao enfraquecimento do poder do Califa e ao fortalecimento dos poderes provinciais. Essa descentralização era agravada pela composição multiétnica e com diversos grupos minoritários (incluindo os religiosos). No plano externo, Rússia<sup>5</sup>, França e Inglaterra ameaçavam politicamente ou avançavam sobre as fronteiras otomanas, conquistando territórios do Califado. Economicamente, os gastos militares de Istambul cresciam devido à necessidade de controlar as crescentes contestações e conflitos.

Na transição do Otomanismo para a República da Turquia, três movimentos tornaram-se chave após Abdul Hamid II<sup>6</sup> ter assumido a Sublime Porta<sup>7</sup> (1876). As inquietações reformistas iniciadas pelos Jovens Otomanos foi o primeiro. No segundo, no início do século XX, os Jovens Turcos manifestaram uma visão europeia, secular, de uma administração imperialista face aos súditos árabes, assim como expansionista<sup>8</sup> em direção à Ásia Central (turianismo). A condução do Califado não mais atendia aos otomanos e aos súditos. Nesse contexto, o movimento do nacionalismo árabe, também, contribui para o debacle otomano. Os três movimentos influenciariam o Estado turco (Keegan, 2005).

Após o fim do Império Turco-Otomano, surgiram diversas questões no Oriente Médio. A região se fragmentou a partir do final da I GM, mantendo grande importância geopolítica. Imediatamente após o conflito, os povos libertos dos turcos se viram diante de outros controladores, por meio do intervencionismo europeu. Silva (2010) destaca a “atual conjuntura beligerante” como consequência da “desagregação otomana” e da “investida imperialista”. Ainda que outros fatores (social, religioso, demográfico, econômico, étnico e político) devam ser considerados, propõe-se que o desaparecimento do Império Turco Otomano envolve toda a região de forma ampla e intensa, de modo que seus reflexos perduram até o tempo presente, como será analisado em seções posteriores deste artigo. Antes, porém, cabe apresentar algumas características gerais da Turquia, ligadas a aspectos geográficos e econômicos entre outros, que contribuirão para as reflexões sobre a Turquia.

### 3 CARACTERIZAÇÃO DA TURQUIA

A Turquia é um país situado no Oriente Médio, região localizada no sudoeste da Ásia, que liga a própria Ásia, a Europa e a África. No entanto, A definição dos contornos dessa região suscita diversos entendimentos (Silva, 2010). O nome Oriente Médio tem origem no conceito do norte-americano Alfred Mahan (Lopes, 2010). Neste trabalho, adota-se a descrição de Mackinder, “que coincide com a região dos cinco mares, ou como é chamado comumente, o Oriente Próximo, [que]

---

<sup>5</sup>Na Partilha da Turquia, o Império russo tomaria posse de Istambul e dos estreitos de Bósforo e Dardanelos. Entretanto, devido à Revolução Bolchevique, a Rússia perdeu o direito à partilha quando deixou de fazer parte da guerra (Junior Goldschmidt; Al-Marashi, 2021).

<sup>6</sup>Abdul Hamid II foi um dos últimos califas do Império Otomano, tendo enfrentado inquietudes geradas por desejos de mudanças.

<sup>7</sup>Termo usado para designar a sede do governo otomano.

<sup>8</sup>Os armênios perderam parte do seu território para o avanço turco, que não chegou à Ásia Central.

é pouco povoada, despida de florestas, encerra desertos e se presta, em consequência, às imigrações dos povos nômades” (Tosta, 1984). Essa descrição vai ao encontro da definição de (Marshal, 2018, p. 148-149):

O Grande Oriente Médio se estende por 1.600 quilômetros, de oeste para leste, do mar Mediterrâneo às montanhas do Irã. De norte para sul, se começarmos no mar Negro e terminarmos nas praias do mar Árabe, perto de Omã, ele tem 3.200 quilômetros de comprimento. A região inclui vastos desertos, oásis, montanhas cobertas de neve, rios longos, cidades grandes e planícies costeiras. E possui grande quantidade de riqueza natural na forma daquilo que é uma necessidade para todos os países industrializados e em processo de industrialização ao redor do mundo: petróleo e gás.

Embora o nome da região tenha sido cunhado por Mahan, o entendimento deste autor acerca da delimitação do Oriente Médio acabou sendo um entre diversos entendimentos do perímetro regional. Neste trabalho, adota-se a representação mais usual, conforme figura 1.

Figura 1 – Mapa do Oriente Médio



Fonte: Silva (2010)

A Turquia está localizada na Planície da Anatólia. Na parte montanhosa a leste, nascem os importantes rios Tigre e Eufrates<sup>9</sup>. Destaca-se na geopolítica mundial pela produção de petróleo e gás no seu entorno e pelo posicionamento geográfico. Habitado por povos não árabes (turcos<sup>10</sup>), descendentes de membros da tribo dos oguzes, oriunda do atual Cazaquistão, Ásia Central (Centro Cultural Brasil Turquia, s.d.), o país possui 783.562 Km<sup>2</sup>, sendo o 36º em área. Com “menos de 5% de seu território [...] na Europa [...] a oeste do Bósforo”, o restante do país localiza-se “a sul e a sudeste do Bósforo, [...] no Oriente Médio” (Marshal, 2018, p. 172).

Politicamente, o governo está centralizado na capital Ankara (figura 2), havendo pouca descentralização administrativa. São três poderes independentes na condução do Estado. O Legislativo é unicameral e possui 600 assentos. A forma de governo é o presidencialismo. “O presidente Recep Tayyip ERDOGAN é o chefe de Estado desde 28 de agosto de 2014 e o chefe de governo desde 09 de julho de 2028” (CIA, s.d.). O Conselho de Ministros é composto pelo Primeiro Ministro, escolhido pelo presidente entre os deputados, e pelos ministros (Centro Cultural Brasil Turquia, s.d.e).

Figura 2 – Mapa da Turquia



Fonte: Centro Cultural Brasil Turquia

No cenário internacional, o país é membro: da Organização das Nações Unidas (ONU); do Conselho Europeu; da Organização para Segurança e Cooperação na Europa (OSCE); da Organização de Cooperação Econômica (OCE); da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE); da Organização Mundial de Comércio (OMC); da Organização para a Cooperação Econômica no Mar Negro (OCEMN); da Organização da Conferência Islâmica (OCI); e da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) (Centro Cultural Brasil Turquia, s.d.d). Ainda, é membro da Conferência Popular Árabe e Islâmica (CPAI), criada após a Guerra do Golfo, em 1991 (Huntington, 1997, p.223), do Conselho dos Estados Turcos, também referenciado como Organização dos Estados Turcos - OET (Organization of Turkic States, s.d.), do G20 e outros.

Geopoliticamente, Rufin (1996, p.144), ao tratar da Guerra do Golfo, caracterizou o Oriente

<sup>9</sup>Dois dos principais rios da história da humanidade e da geografia mundial.

<sup>10</sup>Durante séculos, mongóis e turcos invadiram terras a oeste dos Urais e do Império Persa.

Médio<sup>11</sup> como região de países que têm “traços do subdesenvolvimento e [que] pertencem ao Sul<sup>12</sup>”. Sobre o fato, o autor destaca “os esforços de alguns dirigentes árabes [leia-se turcos também] para dar uma imagem próspera de seu país, pró-ocidental e estável”, mas que “foram derrotados de um só golpe pelo espetáculo dessas turbas vociferando seu ódio contra os Estados Unidos, a Europa e o Norte em geral”. Em particular, a Turquia é identificada pelo autor como um Estado-tampão:

Um Estado-tampão faz parte do mundo bárbaro, está sempre além da fronteira pelo lado Sul. Situado entre o Norte e a profundeza do mundo bárbaro, o Estado-tampão é o local dos maiores conflitos demográficos, econômicos e políticos. Tem por sua função absorver, portanto amortecer, essas tensões e diluir as diferenças. O Estado-tampão deve fixar as massas do Sul e atenuar sua capacidade de transbordar sobre a linha de fronteira. Em termos políticos, corresponde-lhe assegurar um bom controle social de sua população e estabelecer com o Norte relações pacíficas. (Rufin, 1996, p.174-175).

Nesse caso, o Estado-tampão necessita de estabilidade e angaria um status privilegiado ofertado pelos líderes da ordem vigente. “Na Turquia, a vigilância do Exército permite, a cada dez anos, proceder a uma depuração dos extremos e a uma rápida restauração democrática” (ibidem, p.175). Essa “estabilidade política”, conjugada com a sua condição geográfica, dá ao país destaque para o Norte (global):

É preferível para o Norte ter nas margens da *fronteira* interlocutores estáveis, mas economicamente dependentes, a Estados com grande desempenho. Quem diz dependência diz controle. É essencial para o Norte exercê-lo sobre seus vizinhos diretos, em particular no domínio militar. A experiência iraquiana o demonstra. A riqueza não convém a Estados muito próximos, muito violentos, muito ambiciosos. Estabilidade e dependência, eis o que o Norte pede aos Estados-tampão. Quanto aos demais, sua vociferação importa pouco. (Rufin, 1996, p. 179).

A compreensão da Turquia como Estado-tampão é reforçada pela privilegiada posição do país, tendo o Mar Negro ao Norte, o Mar Egeu a oeste e o Mar Mediterrâneo ao sul, permitindo acesso marítimo ao Oceano Índico e ao Golfo Pérsico pelo Mar Vermelho. Este, para (Blainey, 2007, p. 62), significa o mar que, no passado, “unia a África, Europa e Ásia [...] um lago estratégico [...] com a vantagem de que, no Estreito de Gibraltar, sua garganta estreita abria-se ao imenso oceano”. Sua condição de navegabilidade tem favorecido, na história, o trânsito de ideias, mercadorias e exércitos.

Quanto à população, etnicamente, a Turquia é constituída de 70 a 75% de turcos, de 19% de curdos e de 6 a 11% de grupos minoritários (CIA, s.d.). Segundo o Banco Mundial (The World Bank, 2023), a população superou o registro de 85,3 milhões de pessoas (2022)<sup>13</sup>, com taxa de crescimento de 0,7% (2022) e expectativa média de vida de 76 anos (2021). Cabe observar que, em 2021, mais de 69,7 mil turcos deixaram o país. O envio de remessas financeiras por parte dos turcos expatriados contribuiu com 0,1% do PIB em 2022 (Republic of Turkiye. Ministry of Foreign Affairs, 2022b).

Ainda em 2022, a taxa de desemprego caiu para 10%, a inflação anual atingiu 72,3%,

---

<sup>11</sup> Na obra, o autor exclui Israel, indicando que os demais países da região foram denominados árabes.

<sup>12</sup> Referência ao atual Sul Global.

<sup>13</sup> Na quase totalidade, muçulmanos (98%) e com média etária na faixa de cerca de 30 anos (dados de 2013). Os demais professam o judaísmo e o cristianismo (Marshal, 2018, p. 172).

a renda *per capita* foi de US\$ 10.116,10 e o crescimento anual do PIB foi de 5,6%, sendo que o PIB atingiu US\$ 905,99 bilhões. De acordo com Statista (2023), o país possui a 19ª economia mundial, sendo a 8ª economia da Europa (considerando a Rússia) e a 6ª da União Europeia (UE). Sua economia é diversificada com renda média alta, empenhando boa parte da mão de obra ativa na agricultura. No entanto, tem enfrentado dificuldades desde a tentativa de golpe em 2016 e de uma desvalorização da moeda em 2018, agravadas pela pandemia da Covid 19, o que resultou em desemprego e pobreza. Seus principais parceiros econômicos são Alemanha, China, Estados Unidos, Itália e Rússia, (CIA, s.d.).

**Tabela 1** – Principais Parceiros Comerciais da Turquia

PAÍS	IMPORTAÇÕES	EXPORTAÇÕES
Alemanha	11%	9%
China	9%	-
Estados Unidos	5%	5%
Iraque	-	5%
Itália	5%	5%
Reino Unido	-	6%
Rússia	9%	-

Fonte: adaptação da CIA

Acrescenta-se, ainda, que a Turquia, como a sexta maior economia da UE, seria ranqueada atrás da Alemanha, França, Itália, Espanha e Holanda, embora participe do G 20, somente, com os três primeiros. Quanto ao Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), o país alcançou o índice 0,82º (2019), que equivale à 54ª posição em um universo de 189. Isto o situa no grupo dos mais desenvolvidos, representando uma evolução de 40,7% nos últimos 29 anos (UNDP, 2020). O país está entre os principais parceiros comerciais da Europa, tendo exportado mais de US\$ 93 bilhões em 2021, para o continente.

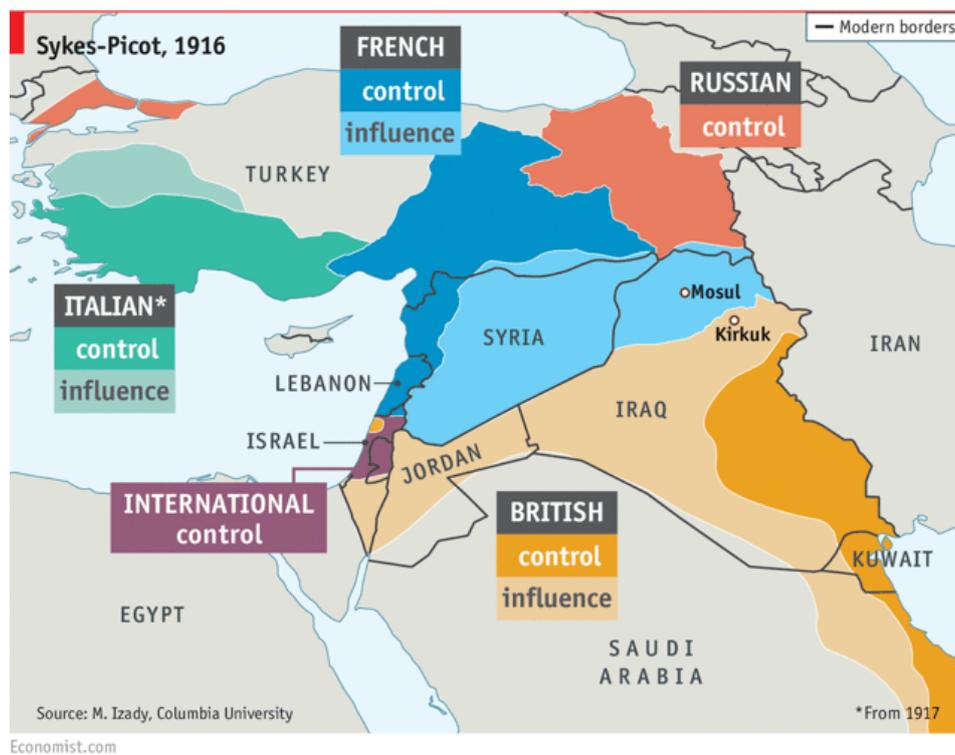
No que se refere ao Oriente Médio, a Anatólia possui condição singular para a passagem de dutos oriundos do Kuwait, Qatar e Arábia Saudita (Babali, 2023). Na verdade, a Turquia é o caminho natural de dutos que se destinam para a Europa. Sua vizinhança - Cáucaso, Irã e demais países do Oriente Médio, é rica em reservas de gás e petróleo, o que dá relevante importância ao país. Segundo Taylor (2014) “Dutos de Petróleo e gás natural fornecem grande quantidade de riquezas aos Estados que os controlam. Assim, atraindo atenção internacional, intriga e, em muitas situações, atividades terroristas” (tradução nossa). Pela importância geográfica, o país tem vocação para ser um “hub” de produtos árabes e persas com destino à Europa e desta para o Oriente Médio e Ásia Central.

## 4 O PERÍODO ENTRE GUERRAS

No período entre as duas Grandes Guerras, um jovem oficial emergiu do caos para criar a República da Turquia, segundo suas próprias convicções, tornando-se a primeira república do Oriente Médio. Para entender o nascimento do novo país, é necessário entender as origens do pensamento de

Mustafá<sup>14</sup> Kemmal Atartuk<sup>15</sup>(1881-1938). Nascido em Salonika, atual Tessalônica grega, estudou em escola islâmica tradicional – *madrassa*, até passar para uma escola de estilo europeu. Em seguida, foi matriculado em uma escola militar de nível secundário, onde ganhou o apelido, depois incorporado ao nome, Kemmal (perfeição), por se distinguir nos estudos. Como oficial, serviu na Síria, na Albânia e na Líbia. Antes de participar do Movimento dos Jovens Turcos (1908), fundou a sociedade clandestina Pátria e Liberdade, uma reação aos caminhos tomados pelo Otomanismo. Após a I GM, rejeitou e desafiou o governo do califado e as forças ocupantes, tendo sido apoiado pelos membros do Congresso Sivas (1919). Como presidente, dirigiu o país rumo às reformas, ao secularismo e ao nacionalismo. O título honorário de Atatürk (“Pai dos Turcos”), foi concedido pela Grande Assembleia Nacional da Turquia, em 1920 (Junior Goldschmidt; Al-Marashi , 2021).

**Figura 3 - Sykes-Picot, 1916**



Fonte: Columbia University

O Império Otomano, pejorativamente chamado de o “homem doente da Europa”, ao fim da I GM (1918), estava enfraquecido, ocupado e fragmentado. Os Acordos Sykes-Picot (1915), que haviam dividido territórios árabes entre franceses e ingleses (figura 3), e a Declaração de Balfour (1917), que havia prometido um lar aos judeus na Palestina, se cumpriram. Assim, inicialmente, houve perda de território para a Itália, para a Grécia, para a criação da Armênia e do Curdistão. A partir desse momento, com o apoio da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), o General Mustafá Kemmal expulsou os gregos, reanexou a Armênia independente, tomou Constantinopla do Sultão e instituiu a República em Ankara. Ainda, Contrariou interesses das potências ocidentais, fazendo com

<sup>14</sup>Palavra de origem árabe cujo significado é “o escolhido”.

<sup>15</sup>Sobrenomes adotados diante da aclamação popular, em 1934, quando, por meio de decreto, tornou-se obrigatória a adoção de sobrenomes, à semelhança dos países ocidentais (Savelle et al., 1968).

que estas abandonassem as áreas de influência e as regiões ocupadas na Turquia (Vizentini, 2007).

As potências se reuniram na Conferência de Paris - Tratado de Versalhes (1919), e na Conferência de San Remo (1920), bem como fundaram a Liga das Nações, arranjos que serviram para impor retaliações à Turquia devido à aliança com a Alemanha na I Guerra e pelo trato com os cristãos gregos e armênios. A Turquia teve que, literalmente, lutar por sua independência entre as assinaturas dos Tratados de Sèvres (1920) e de Lousaine (1923), quando, praticamente, recuperou o país dos invasores.

O Tratado de Sèvres determinava que (1) o Estreito seria administrado por uma comissão aliada permanente; (2) Istambul poderia ser removida da administração turca se infringisse direito de minorias; (3) a Anatólia Oriental pertenceria a uma Armênia independente e o Curdistão autônomo; (4) A Grécia teria Smyrna assim como a Trácia; (5) a Itália e a França cada uma teria partes do sudoeste da Anatólia; (6) as terras árabes seriam divididas em mandatos britânicos e franceses; e (7) as Capitulações, abolidas pelos otomanos em setembro de 1914, seriam restauradas e estendidas (Junior Goldschmidt; Al-Marashi, 2021, p. 244).

Emergiu, assim, da I GM, o único general turco cuja reputação se destacou pela atuação no conflito, tornando-se o primeiro presidente da nova república com a plataforma de resistir aos Aliados, vencedores do conflito. Surgia a Turquia com “as digitais” do novo líder, que modernizou e ocidentalizou o novo Estado. Após sua morte (1938), as Forças Armadas mantiveram a política de Artaturk. O modelo a ser perseguido era o da Europa ocidental (Marshal, 2018).

A Turquia [...] graças aos sucessos militares alcançados por Mustapha Kemal, dito Ataturk, obtém, pelo Tratado de Lausana (1923), fronteiras mais vantajosas, particularmente pela supressão do efêmero estado curdo. Sobretudo, Kemal lança, na geração do movimento Jovens Turcos (1908)<sup>16</sup>, um vasto programa de modernização econômica e política, compreendendo nomeadamente a laicização do Estado, instaurada em 1924 e conduzindo à abolição do **califado** (instituição suprema, de ordem espiritual e temporal, da **Umma**, ou comunidade dos muçulmanos). (Boniface, 1996, p. 201, grifo do autor).

Lopes (2010, p. 58) cita Andrew Mango para destacar o papel do líder turco. Para o biógrafo de Artaturk, este foi “um dos estadistas mais importantes do século XX”, responsável pelo “Estado mais forte entre o Adriático e a China, na vasta cintura do território euro-ásico a sul da Rússia e a norte do subcontinente indiano”. O seu legado “influenciou a história do seu país e a dos vizinhos [...] mostrou o caminho para a independência em harmonia com o resto do mundo”. Todavia, enquanto modelava a moderna Turquia, fez opositores e inimigos internos, entre eles “os marxistas turcos [que] exprimiram reservas face às suas políticas”. Externamente, os povos vizinhos guardaram ressentimentos. Além de derrotar gregos e armênios, “desprezou os árabes”, e “os nacionalistas curdos não lhe perdoam a política de assimilação”.

“Desde a Primeira Guerra Mundial os nacionalistas árabes denunciaram os horrores do governo otomano, culpando os turcos pelo atraso, ineptidão política, desunião dos árabes ou o que mais tivesse de incorreto na sua sociedade” (Junior Goldschmidt; Al-Marashi, 2021, p. 220). Essa visão afastou o mundo árabe da República turca até os dias atuais. No entanto, a estratégia do

---

<sup>16</sup>A “Revolução dos Jovens Turcos de 1908 [...] restaurou a constituição otomana suspensa por muito tempo” (Junior Goldschmidt; Al-Marashi . 2021, p. 223). Na sequência, tentaram “impor o turco com único idioma da administração e da educação” (Ibidem, p. 224).

presidente turco, segundo Khanna (2009, p. 38), era “paz em casa, paz no exterior”, uma diplomacia de reconciliação “multidirecional” (tradução nossa).

Após ter abolido o sultanato (1922), Mustafá Kemmal proclamou a República (1923) e instituiu a nova Constituição (1924). Seu programa previa seis princípios que foram incorporados à Constituição, conhecidos como “Seis Flechas” – “republicanismo, nacionalismo, populismo, estatismo, secularismo e reformismo” (Ibidem, p. 248-249). O presidente promoveu diversas mudanças políticas e sociais nos anos 1920, como alteração de leis e, inicialmente, a adoção do partido único.

O poder legislativo seria entregue a uma assembleia e o poder executivo a um presidente eleito por quatro anos, com sufrágio alargado às mulheres. Ainda em 1924, instituiu um regime de partido único (partido Republicano do Povo, CHP) e fez aprovar leis que suprimiram as ordens e os tribunais religiosos, criando o código civil, o comercial e o criminal, baseados em modelos suíço, italiano e alemão, respectivamente. (Lopes, 2010, p. 58-59).

Socialmente, aboliu costumes antigos e introduziu novos na tradicional sociedade otomana, proibindo a poligamia e a obrigatoriedade do véu feminino (1925); impondo o casamento civil (1927); introduzindo o alfabeto latino; e abolindo o Islamismo como fé oficial (1928) (Ibidem). Juntamente com outras mudanças, aqui não mencionadas, estavam, assim, lançadas as bases do turquismo, configurando uma proposta de modernidade kemalista, que influenciou bastante a região. O laicismo, o abandono do otomanismo, o “autoritarismo” e o destrato com os não turcos fizeram parte da europeização e do legado dessa primeira república. Entre outras mudanças, o ensino foi modernizado e o processo de industrialização foi iniciado (Junior Goldschmidt; Al-Marashi, 2021).

Em 1936, a Turquia recuperou a soberania sobre os Estreitos de Bósforo e Dardanelos, tendo sido abolida a Comissão Internacional dos Estreitos, organismo responsável pela supervisão das passagens marítimas. Até então, a Liga das Nações mantinha a autoridade sobre os Estreitos, negando à Turquia o controle da navegação e o direito de fortificá-los. Assim, “quando sob ameaça de guerra, ou durante uma guerra efetiva, os turcos passaram a ter o direito de fechar inteiramente os Estreitos aos vasos de guerra” (Savelle et al., 1968, p. 314), restaurando o mando sobre as duas passagens. Assinaram o acordo: França, Inglaterra, Itália, Japão e Rússia. Estados Unidos e Alemanha não assinaram. O Tratado de Montreux está vigente até os dias atuais e foi invocado durante a Guerra na Ucrânia (1921).

Após a morte Atatürk (1938), Ismet Inonu foi eleito o segundo presidente. O novo mandatário buscou manter a política de equilíbrio e o afastamento da II Guerra Mundial até próximo do final do conflito (Centro Cultural Brasil Turquia, s.d.a). O presidente Ismet evitou novas perdas como as da I Guerra. Aguardou a quase definição do conflito. Como uma consequência, “no início da Segunda Guerra mundial, os sírios” perderam parte de seu território ocupado pela França, que doou “o *Sandjak d’Alexandrette* aos turcos a fim de assegurar a neutralidade [destes]” (Azhari, 2017, p. 59, tradução nossa)<sup>17</sup>.

Assim, a República turca se consolidou apesar dos grandes desafios, transformando-se em “um Estado etnicamente [quase que] exclusivo dos turcos [e muçulmano],” abandonando as “ambições de expansão territorial” (Keegan, 2005, p.31) para salvar o país do desastre. Os feitos do “Pai dos Turcos” lhe deram legitimidade para as mudanças. Até o final da II Grande Guerra, o papel do Exército

---

<sup>17</sup>No original: *Au début de la Deuxième Guerre mondiale les Syriens sont dépités pas l’attitude des Français qui ont cédé le Sandjak d’Alessandrette aux turcs afin de s’assurer de leur neutralité.*”

na política foi cimentado enquanto se pavimentava o caminho para maior aproximação do país com o Ocidente, algo que aconteceria nas décadas seguintes.

## **5 DO PÓS-II GUERRA MUNDIAL ATÉ O FINAL DA GUERRA FRIA**

Enquanto o mundo já se preparava para o pós-Guerra, a Turquia “aliou-se aos EUA, Inglaterra e União Soviética declarando guerra à Alemanha e ao Japão. Em 26 de junho de 1945, foi convidado para a Conferência de São Francisco e assinou (como um dos membros fundadores da ONU) a Carta das Nações Unidas (Centro Cultural Brasil Turquia, s.d.a)”. Com o fim da Guerra, muitos turcos migraram para a Europa Ocidental, para a Alemanha principalmente, iniciando a formação de comunidades expressivas no exterior (Centro Cultural Brasil Turquia, out. 2014).

Iniciava-se a Guerra Fria. À URSS, interessava o controle dos Estreitos de Bósforo e Dardanelos, por meio da convocação de uma força de ocupação russo-turca. Dessa vez, a ajuda viria dos Estados Unidos para evitar o avanço soviético. Com a Doutrina Truman, os dois países iniciavam uma aproximação que se fortaleceria doravante (Junior Goldschmidt; Al-Marashi, 2021). A União Soviética havia denunciado o tratado de amizade (1921) com a Turquia, e a tensão surgida entre os dois Estados ampliou a aproximação turca com os EUA e com a Europa (Savelle et al., 1968).

Após a criação de Israel (1948), a Turquia foi o primeiro país da região a reconhecer o Estado judaico, em 1949, não tendo participado dos conflitos entre este e os países da região. Após a Guerra dos Seis Dias, a Turquia condenou a ocupação e pediu a retirada das tropas dos territórios árabes conquistados. No entanto, absteve-se da votação na reunião de emergência da OCI, em Rabat (capital do Marrocos), referindo-se a Israel como “Estado-agressor”. Por outro lado, opôs-se a cortar as relações diplomáticas com Israel, durante a citada cúpula (Jewish Virtual Library, s.d.).

Entre os anos de 1950 e 1960, a nova liderança política na Turquia, o Partido Democrata (PD), passou a desempenhar importante papel nas relações internacionais. No período, a diplomacia iniciada por Inonu teve avanços significativos em meio à Doutrina Truman e ao Plano Marshall. Esse estreitamento das relações teve como consequência o apoio econômico e militar norte-americano. O presidente acabou enviando tropas turcas para a Guerra da Coreia (1950-1953) e para a região, com efetivos progressivamente menores, até 1971. Para Akiner (s. d.):

A política externa turca, a política doméstica, sociedade, economia, e o ordenamento militar seriam, para sempre, modificados devido à centelha desencadeada por este envolvimento militar; uma reação de longa duração que pavimentaria o caminho para o golpe de 27 de maio de 1960, e moldaria o destino da República da Turquia até os dias atuais [anos 2010] (tradução livre).

Durante a Guerra da Coreia, o país tornou-se membro da OTAN em 1952 (Centro Cultural Brasil Turquia, s.d.a). “A Turquia, [sentia-se] ameaçada [havia] algum tempo pelo expansionismo soviético” (Boniface, 1996, p. 203). No entanto, após dez anos do PD no poder, instabilidades políticas, sociais e econômicas foram consideradas causas da deposição do governo por um grupo de oficiais das forças armadas, sendo criado o “Comitê da União Nacional (MBK)”. Era o início de uma fase de intervenções militares na política (Ibidem).

O Pacto de Bagdá (1955) foi outro arranjo ao qual a Turquia aderiu, apoiando os interesses dos centros de poder do Atlântico Norte, ao lado de árabes conservadores. O Pacto era fruto da Doutrina Eisenhower, bem como de novos regimes na região e das tensões surgidas no Oriente Médio que ameaçavam Israel. Reunia a Turquia, o Irã, o Iraque, a Grã-Bretanha e o Paquistão. Após a saída do

Iraque, os Estados Unidos se juntaram ao grupo remanescente, formando a Organização do Tratado Central (CENTO), parte da contenção aos interesses da URSS (Vizentini, 2007). Ferro (2007, p.122) destaca a visão de contenção do pan-arabismo, haja vista que o Pacto “dividia o mundo árabe”: de um lado o Iraque, ligado aos inimigos e rivais turcos, persas e mesmo aos antigos “sujeitos” indianos [...] paquistaneses; do outro, o Egito que se associava a Estados verdadeiramente árabes, a Síria e o Iêmen, sem a interferência de uma terceira ou grande potência”.

Em 1962, um evento no Caribe tomou contorno de crise mundial e envolveu a Turquia. Devido à proximidade, a URSS planejou instalar mísseis em Cuba, um momento de tensão devido à possibilidade de desencadear uma guerra nuclear. Era a resposta do bloco soviético à fracassada invasão da “Baía dos Porcos” (1961). A Crise dos Mísseis demandou negociações permeadas de elevada tensão. A crise foi resolvida mediante a não instalação dos mísseis e a retirada das bombas Il-28 de Cuba. Em contrapartida, os EUA não invadiram Cuba e retiraram os mísseis Júpiter da Turquia, em abril de 1963, algo que já estava sendo avaliado antes da crise (Department of State, s.d.).

Os anos 1970, 80 e 90 abalaram o Oriente Médio, com reflexos substanciais na região e no mundo, ainda que sem grandes reflexos diretos para a Turquia. Todavia, principalmente se comparada aos vizinhos regionais, para Boniface (1996, p. 207), a Turquia parecia uma “muralha de estabilidade”, mas “ainda em vias de democratização” (Ibidem, p. 208). Por outro lado, o país não se eximiu de participar de contendas. Como consequência do Império Otomano, algumas comunidades turcas permaneceram nos novos países. Em 1960, a República do Chipre se tornou independente do Reino Unido, com comunidades grego-cipriota e turco-cipriota. A tensão crescente fez com que a ONU criasse a Força de Pacificação das Nações Unidas no Chipre. A ilha foi invadida em 1974, por tropas turcas, com o objetivo de garantir seus interesses e os da população turca, estabelecendo a ocupação do norte da ilha, que perdura até os dias atuais (United Nations Peacekeeping Force in Cyprus, s.d.). Henry Kissinger, Conselheiro Nacional de Segurança e Secretário de Estado dos EUA à época, teria apoiado a ação turca (Figueiredo, 2023), ainda que isso implicasse colocar dois de seus aliados na OTAN em oposição, Grécia e Turquia.

Em outros países do entorno, alguns antigos territórios otomanos estiveram envolvidos em diversas crises a partir da segunda metade dos anos 1960, com destaque para as Crises do Petróleo (1973 e 1979) e conflitos bélicos. As guerras no Oriente Médio, a decadência do panarabismo e o ressurgimento do islamismo político se refletiram na Turquia. Desses eventos, a Revolução Islâmica Xiita (1979) no Irã transbordaria fronteiras e daria início a um novo momento geopolítico no qual a Turquia estaria bastante envolvida.

Mantendo o desejo de se inserir na Europa, a Turquia apresentou seu pedido de adesão à Comunidade Econômica Europeia em 1987 e foi considerada apta a ser membro da UE em 1999. As negociações para seu acesso ao bloco foram iniciadas em 2005 (European Commission, s.d.). Todavia, até o término deste trabalho, o país não havia sido aceito entre os membros do organismo europeu, diferentemente da Grécia e de Chipre, o que dificulta o processo de admissão.

No período tratado nesta seção, confirmaram-se a aproximação da Turquia com o Ocidente Norte Atlântico e seu afastamento dos vizinhos, antigos territórios pertencentes ao Império Otomano. Entretanto, posteriormente, os novos ventos que passariam a soprar no mundo islâmico chegaram à Turquia.

## 6 O NEO-OTOMANISMO

Com o passar dos anos, o kemalismo, tendo adquirido uma expressão mais moderada, tornou-se uma realidade. Observa-se que as medidas adotadas por Ataturk e continuadas por Inonu

resultaram em um país mais europeu do que árabe, mais europeu do que turco, mais ocidental do que oriental. “Muitos turcos afirmam que seu país é europeu, não do Oriente Médio” (Junior Goldschmidt; Al-Marashi, 2021, p. 249). As mudanças e os índices já apresentados neste artigo demonstram que o país passou por uma recuperação e por uma evolução consideráveis. Nesse quadro, nos anos 2000, podemos observar que a Turquia se descolou dos seus antigos territórios e, com poucas exceções, de boa parte dos países europeus. Todavia, um novo movimento, surgido há alguns anos, começou a promover (velhas) mudanças.

A Turquia do século XXI parece se distanciar das relações políticas e econômicas europeias. Com o fim do século XX, o país buscou ressignificar seu lugar na política internacional, interagindo no concerto das nações, por meio de enlacs políticos com o Oriente e com o Ocidente. Ao mesmo tempo, tem se deparado como o pan-islamismo sunita e com o pan-arabismo xiita. Quanto à posição geográfica, esta se mantém privilegiada, devido ao comércio, às questões militares e à necessidade da passagem de dutos de gás e petróleo. Brzezinski (1997) chama a atenção para a capacidade de projeção multidirecional da Turquia, embora esta tenha que administrar tensões com a Rússia e com o Irã. Turquia e Irã são abordados por esse autor como dois pivôs estratégicos regionais.

Esse redirecionamento da Turquia, provavelmente, possui relação com a mudança do pivô geopolítico mundial para a Ásia. Para Huntington (1997, p. 110), “a hegemonia norte-americana está retrocedendo”, seguida da “erosão da cultura ocidental”. Dessa forma, “costumes, idiomas, crenças e instituições indígenas com raízes históricas” se reafirmam. Estamos diante do declínio da capacidade de o Ocidente impor “concepções ocidentais de direitos humanos, liberalismo e democracia”, o que contribui para o enfraquecimento da visão e das “atitudes Kemalistas” (Ibidem, p. 112).

Ainda, o renascimento cultural, um dos fundamentos da atual Turquia, envolve o país em uma atmosfera político-social que pode ser definida como neo-Otomanismo. A geografia (física e humana) local, sobreposta pelos interesses nacionais e pela geopolítica mundial, serve à visão do atual presidente. A nova dinâmica diplomática no trato de questões domésticas e internacionais conduz o país a revisar seu papel no entorno muçulmano e no mundo. Com base em Huntington (1997), compreende-se que a política turca, atualmente, enquadra-se na “dessecularização” apontada por George Weigel. Trata-se de um fenômeno do final do século XX, que se relaciona com o ressurgimento, com a revitalização das religiões, sejam estas de viés fundamentalista ou não. O que pode ser caracterizado como revisionismo do kemalismo. Internamente, observa-se que o país se encontra sob a pressão do fundamentalismo islâmico.

A reafirmação do Islã no seio da sociedade e da política soma-se às projeções de poder do governo turco de modo mais assertivo e ao fortalecimento de sua política externa pendular como características deste novo ciclo. Na concepção de Huntington (Idem, p. 223-224), “a Turquia tem história, população, desenvolvimento econômico de nível médio, coerência nacional e tradição e competência militares para ser o Estado-núcleo do Islã” situação represada pelo “secularismo incorporado à sua Constituição”.

Apesar de Istambul ter sido a Cidade Europeia de Cultura em 2010, não há o reconhecimento formal da Europa de que a Turquia seja parte daquele continente, o que dificulta a consecução dos objetivos político-estratégicos turcos de integração com o continente. Além do caráter geográfico, as questões relativas aos direitos humanos - com destaque para a questão curda -, econômicas e culturais (religiosas) seriam os principais motivos de não aceitação do país na União Europeia (EU). A população majoritariamente muçulmana e a disparidade entre as rendas per capita, um potencial fator de migração turca para esses países, seriam os principais argumentos contrários ao pleito de aceitação da Turquia na UE (Marshal, 2018).

Todavia, a busca pela aceitação na EU e a participação na OTAN parecem continuar fazendo parte do portfólio geopolítico do presidente Edorgan, ainda que diante da crescente e perceptível aproximação com a Rússia e da intenção de um protagonismo que ultrapassa áreas do antigo Califado. “A Turquia pode estar pronta para abandonar seu papel frustrante e humilhante de mendiga que implora para ser admitida no Ocidente<sup>18</sup>, e retomar seu papel histórico, muito mais respeitável e altaneiro, de principal interlocutor e antagonista islâmico do Ocidente” (Huntington, 2017, p. 224). Desde 1989, o presidente Turgut Oazl passou a dar importância a outras regiões do seu entorno, demais regiões da Ásia e do Oriente Médio, além da Europa, realimentando o possível papel de potência para o país. Essa política foi seguida pelo presidente Erdogan, levantando desconfiças entre árabes e persas (Marshal, 2018).

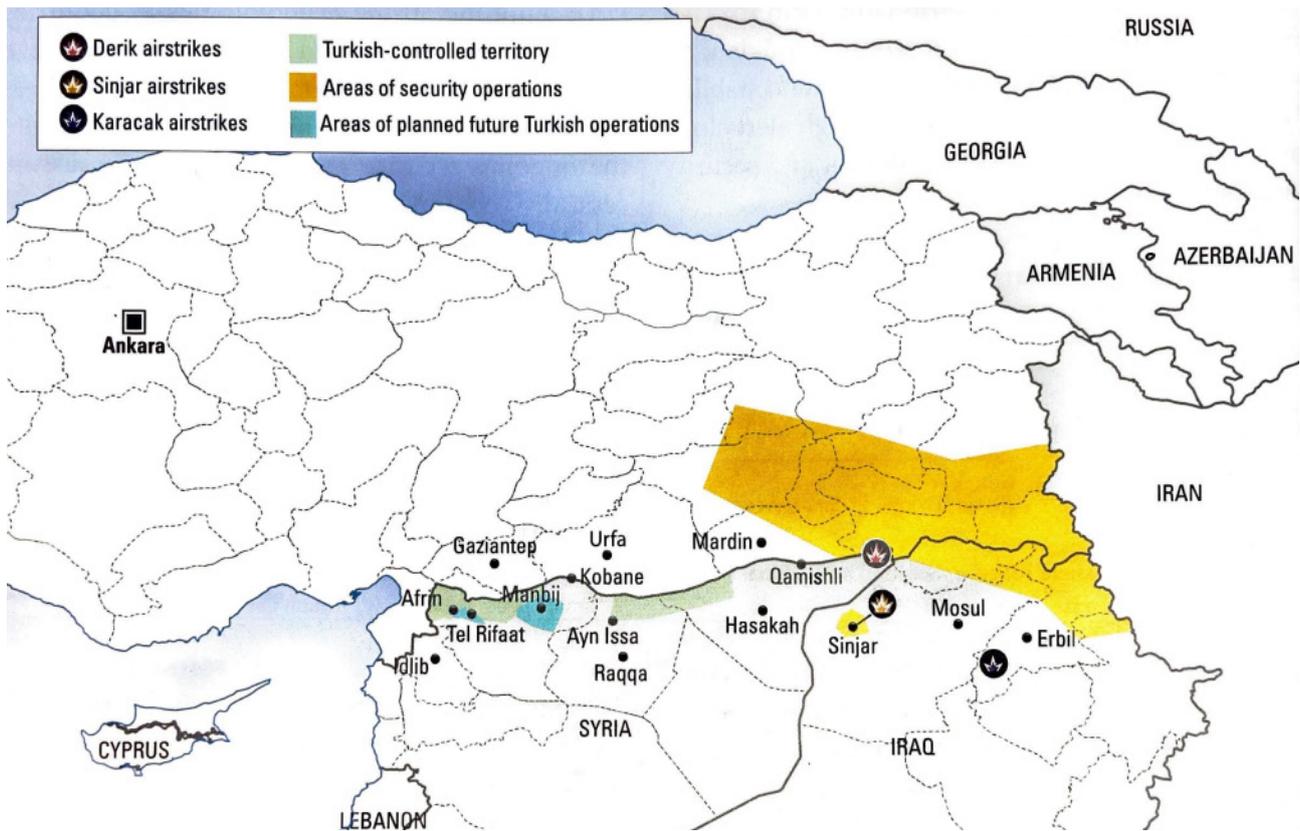
A última intervenção política protagonizada pelas Forças Armadas turcas foi a deposição do presidente *Necmettin Erbakan (1997)*, *antiocidental e pró-islâmico*, (Khanna, 2009). Na sequência, no início dos anos 2000, a política do presidente Edorgan surgiu baseada no partido do qual foi importante membro fundador. O Partido de Justiça e Desenvolvimento ajudou na revisão política, centrada na pessoa do mandatário turco, que passou a concentrar maiores poderes e a sinalizar novos rumos da sociedade. Entre estes, destacam-se a revisão do status do Museu Hagia Sophia (2020), que voltou a ser uma mesquita, e a revisão da política internacional, envolvendo diversas posições diplomáticas.

Dessa forma, a Turquia projeta-se em várias direções, competindo com interesses geopolíticos das potências: no Cáucaso; na Ásia Central; na África; na Europa Oriental e Ocidental; e na América do Sul. No Cáucaso e na Ásia Central, um dos principais instrumentos tem sido a OET (2009), fórum que reúne países por iniciativa turca, com história, cultura, idioma e identidade comuns. A Organização reúne, como membros efetivos, Azerbaijão, Cazaquistão, Quirguistão, Turcomenistão, Turquia e Uzbequistão, tendo a Hungria, a OCE e a República Turca do Chipre como observadores (Organization of Turkic States, s.d.).

As fricções com a Rússia acontecem em várias áreas de interesse e de influência comuns, sobretudo na Síria, onde as disputas são mais perceptíveis. O governo do presidente Assad é apoiado por Moscou, enquanto a Turquia apoia grupos islâmicos, ligados à Irmandade Muçulmana (IM), na tentativa de instalar um governo sunita naquele país. Um momento de grande tensão, parte de uma disputa mais ampla, foi a derrubada de um Sukoi 24 russo pela Força Aérea Turca (2015), que teria entrado no espaço aéreo turco (Marshal, 2018). Territórios da Síria e do Iraque têm sido alvos de ações militares na fronteira, na tentativa de atingir grupos curdos (figura 3), eminentemente, membros do Partido dos Trabalhadores Curdos (PKK). Tais ações contribuem para gerar mais instabilidade no Oriente Médio, ainda que as forças curdas do *Syrian Democratic Forces*, membros do YPG (*Syrian Kurdish People's Protection Units*), estejam sob a proteção norte-americana. Assim, o que seria um problema doméstico, termina por se espalhar, com reflexos para a OTAN. As adesões da Finlândia e da Suécia à Organização foram condicionadas pelas demandas turcas, referente aos curdos do PKK exilados nesses países (International Institute for Strategic Studies - IISS, 2022). A outra moeda de troca se referiu às novas aeronaves F-16 que Ancara deseja adquirir.

---

<sup>18</sup> A Turquia participou das campanhas na ex-Iugoslávia (1990), na Líbia (2011) e no Afeganistão (2001-2021) como membro da OTAN.

**Figura 4** – Ações Turcas contra curdos, na Síria e no Iraque

Fonte: IISS

Na África, o apoio turco ao presidente Mohamed Morsi (2001-2012), do Egito, ligado à IM, provocou o esfriamento das relações entre os dois países (Marshal, 2018). O país projeta, ainda, poder militar na Líbia e poder econômico e cultural na Tunísia. É um dos cinco países que organiza uma cúpula com a África. Neste caso, um fórum de desenvolvimento da parceria estratégica entre as duas partes, Turquia e África (Republic of Turkiye. Ministry of Foreign Affairs, 2022c). Material de defesa turco e escolas turcas têm sido identificados na África, assim como estudantes africanos têm sido bem-vindos na Turquia (BBC News Brasil, 2023). Suas representações diplomáticas estão presentes em quase todos os países africanos. Dados de 2022 somam 44 embaixadas turcas na África, cobrindo quase a totalidade de 45 países (Republic of Turkiye. Ministry of Foreign Affairs, 2022b) Pelo mundo, há mais de 250 missões turcas, constituindo a 5ª maior rede diplomática mundial (Republic of Turkiye. Ministry of Foreign Affairs, 2022a), com cerca de 150 embaixadas.

Cabe observar ainda que, tangenciando a África, o limite leste do Mediterrâneo abriga uma imensa bacia de gás dividida por diversos países, representando mais um foco gerador de tensões, envolvendo, eminentemente, Grécia, Turquia, [Síria, Líbano], Israel, Egito, [Palestina], Líbia, Tunísia e Chipre, entre outros países interessados nessa exploração. Os desafios se prolongam para leste, devido aos Acordos de Abraão<sup>19</sup> (Hussein, 2020).

Essa “globalização turca” chega à América Latina, envolvendo Argentina, Brasil, Chile,

<sup>19</sup> Os Acordos de Abraão (2020) é um arranjo diplomático construído pelo presidente Donald Trump, com a finalidade de aproximar, diplomaticamente, países islâmicos de Israel.

Colômbia, Cuba, México e Venezuela, principais parceiros comerciais do país na região. Com o reconhecimento da legitimidade do presidente Maduro e com o estreitamento das relações com a Venezuela, este se tornou um parceiro estratégico turco de grande importância, sem desconsiderar a importância geopolítica do Brasil. Essa postura fez com que empresas turcas passassem a investir na Venezuela, isenções fiscais fossem dadas a produtos turcos e negócios com ouro e petróleo beneficiassem Ancara. Enquanto China, Cuba, Irã, Rússia e Turquia se alinham nas relações com Caracas, os dois últimos promovem uma aproximação militar, iniciada por meio de um acordo que reforça a desafiadora posição tomada pelos turcos, frente às sanções dos Estados Unidos (Ibidem).

No que se refere à relação com os polos de poder do Ocidente, a negação da utilização da fronteira com o Iraque demonstrou que o país não estava à disposição de qualquer aventura geopolítica, mesmo sendo um importante membro da OTAN. Estadunidenses e ingleses tiveram que rever seus planos para a invasão do Iraque (1993) diante da negação da frente turca (Keegan, 2005). Esse posicionamento se diferenciava do anterior, adotado durante a Guerra do Golfo (1991). Naquela ocasião, aeronaves dos EUA decolavam de bases na Turquia para manter a “Zona de Exclusão” ao norte do Iraque. Em 2003, o governo turco chegou a divulgar o envio de 10.000 homens para uma missão de paz, que poderiam ser empregados para combater os curdos, e não para protegê-los. Entretanto, a Turquia decidiu não participar do conflito de qualquer forma (Mansoor, 2011). Os EUA chegaram a oferecer “US\$ 6 bilhões em ajuda como recompensa pela decisão do Parlamento turco de permitir que a 4ª Divisão de Infantaria e outros contingentes norte-americanos entrassem no território turco” (Keegan, 2005, p. 174). A proposta foi rejeitada.

“Durante cinquenta anos, a política turca havia sido dominada por questões muito semelhantes às que interessavam a classe política na Europa e na América”, mas as mudanças chegaram com a ascensão ao poder de Recep Tayyip Erdogan, que “impôs uma súbita mudança de rumo” (Ibidem, p. 173). Essas “transgressões” à ordem do Atlântico Norte se depararam com a revolta militar (2016)<sup>20</sup> e com a possibilidade de apoio do clérigo Fethullah Gülen, exilado nos EUA e adversário político de Erdogan. A crise entre os dois Estados foi agravada pela aquisição de sistemas russos de artilharia antiaérea S-400 (2019) pela Turquia e, mais recentemente, devido à barganha quanto à adesão da Finlândia e da Suécia à OTAN. Em face da obtenção do material russo, a Turquia foi expulsa do programa de fabricação das aeronaves F-35 e impedida de comprar qualquer tipo de aeronave militar.

Na Bulgária, na Alemanha, na França e até nos EUA, entre outros países, a Turquia tenta influenciar o ambiente. Esse alargamento da influência turca não é recente. Segundo Khanna (2009, p.37), em 2008, a Bulgária já estava “se tornando um subúrbio da grande Istambul”, algo que o autor chamou de “Istambulgaria”. Ele considerou Istambul a “nova Berlim”, e o distrito de Kreuzberg, a “Pequena Istambul”. Conforme sua visão à época, a Turquia se tornava mais europeia e a Europa, mais turca. Recentes investigações apontam para o prefeito de Nova Iorque, que teria recebido doações ilegais da Turquia para a sua campanha eleitoral (Katerski, 2023).

Outras questões mais recentes permeiam a relação Turquia-Ocidente e merecem destaque. Desde os anos 2000, o governo turco passou a apresentar uma nova postura no que diz respeito ao Oriente Médio e ao conflito palestino-israelense em particular (Jewish Virtual Library, s.d.). As relações entre os dois Estados têm variado entre afastamentos e aproximações. A morte de civis turcos, embarcados na “Frota da Liberdade”, que levava ajuda humanitária aos palestinos, por soldados

---

<sup>20</sup> Há uma hipótese que as Inteligências dos EUA e a russa teriam tido conhecimento prévio da possível tentativa de derrubada do presidente Erdogan, mas que só os russos teriam emitido um alerta.

israelenses e em águas internacionais (2010), provocou grande tensionamento diplomático (Poggio, 2010), o qual retornou em 2023, após os ataques do HAMAS e as respostas militares israelenses contra a Faixa de Gaza.

Em 2011, irrompeu a Guerra na Síria, e a Turquia passou a conter os refugiados que tem buscado chegar à Europa em troca de ajuda financeira. Hospedando milhões de refugiados e com gastos de dezenas de bilhões de dólares, o país tem advogado pelo retorno dos sírios ao seu país de origem (Republic of Türkiye. Ministry of Foreign Affairs, 2022a). O afastamento diplomático do “Ocidente”, provavelmente, pontuou quando o presidente Joe Biden reconheceu o “Massacre Armênio”, ocorrido em 1915 (The White House, 2021), o que provocou reações em Ancara, diante de um tema tão sensível na comunidade internacional.

Quanto ao Mar Negro, este tem se tornado um ambiente de constante tensão, que chegou ao seu pico após o início da Guerra na Ucrânia (2022). Os Estreitos do Bósforo e de Dardanelos continuam a ter grande significado para os movimentos marítimos, neste caso, pontualmente, com reflexos para a segurança alimentar mundial (IISS, 2022). Além de intermediar o acordo para escoamento de grãos ucranianos pelo Mar Negro, o país não aderiu às sanções contra a Rússia. Todavia, vendeu drones militares à Ucrânia, não se afastando de nenhum dos lados definitivamente. Esse posicionamento pode ser expandido para as aproximações financeira e comercial com a China, ao aderir à Iniciativa Cinturão e Rota e ao tomar empréstimo financeiro. Além desses aspectos, o país tem silenciado quanto à repressão chinesa envolvendo muçulmanos uigures, povo de origem turca (BBC News Brasil, 2023).

## 7 CONCLUSÃO

Neste trabalho, buscamos abordar alguns dos principais fatores estruturais e conjunturais relativos à Turquia, apresentando um extrato da política interna e externa do país, com enfoque a partir do último quartil do século XIX. Na análise realizada, foram explorados aspectos da história, geografia, sociedade, economia, política e geopolítica que caracterizaram o período do final do declínio do Império Otomano até os 100 anos da República turca.

Nesse panorama, analisou-se que a fragilidade apresentada pelo Califado Otomano exigia mudanças, que fizeram com que surgissem movimentos reformistas. A partir de um destes, ascendeu Mustafá Kemmal, que fundou a República da Turquia após a I Guerra Mundial. A formação do Estado tinha como objetivo torná-lo parte da Europa - o que, em parte, aconteceu de fato, embora não de direito. A ocidentalização continuou sendo o pilar civilizacional turco após a II Grande Guerra. Nesse período, diante da Guerra Fria, o país foi peça importante na consecução dos interesses dos países do Atlântico Norte, enquanto procurava angariar “dividendos” nesse cenário.

Observou-se, ainda, que, com o passar do tempo, o país buscou desenvolver um caminho político, econômico e social, em parte, com iniciativas próprias. Para referenciar esse entendimento, podemos identificar, nas últimas duas décadas, alguns aspectos que dão ressignificado à atual Turquia: diplomacia multidirecional; desenvolvimento socioeconômico com traços europeus; poder militar regional; características de *hub* logístico, sendo uma ponte da Eurásia com acesso e posicionamento privilegiados no Mediterrâneo (*hub* marítimo); controle dos Estreitos de Bósforo e Dardanelos; diplomacia dual combinando *hard power* e *soft power*; e o ressurgimento dos identitarismos islâmico, étnico e cultural.

A emergência do neo-Otomanismo se insere nesse contexto de questionamento do unilateralismo dos EUA e da grande dificuldade da Turquia em se tornar um país europeu. Neste trabalho, identificamos que o país busca redesenhar seu papel no tabuleiro estratégico, apresentando-se

como um *player* regional de peso e mundial com restrições. A adoção da multipolaridade faz parte das bases dessa nova postura estratégica, que mesclam alterações parciais nas “Seis Flechas”, sem abandonar o kemalismo como um todo. A Europa, aparentemente, deixou de ser o único “farol” político, econômico e social e o país parece viver sob um novo conflito identitário: “islamicracia” *versus* “atlanticracia”.

Assim sendo, diante do que foi apresentado, conclui-se que a República turca é um país bastante relevante no atual cenário, tendo recuperado seu status de importância regional e mundial. No entanto, grandes questionamentos permanecem quanto aos rumos que o país tomará, haja vista sua revisão política e sua maior inclinação para leste. Movimentos importantes que devem ser acompanhados diante das atuais mudanças no tabuleiro estratégico.

## REFERÊNCIAS

AKINER, Ata A. **The Impact of the Korean War on Turkey**. Disponível em: <https://history.rutgers.edu/docman-docs/undergraduate/honors-papers-2008/91-the-impact-of-the-korean-war-on-turkey/file#:~:text=From%201950%20to%201953%2C%20Turkey,coalition%20to%20defend%20South%20Korea>. Acesso em: 06 dez. 2023.

AZHARI, Valérié. Vers Une “libanisation” des systèmes politiques au Moyen Orient? **Defense Nationale Libanaise**. Lebanon, n. 102, Oct. 2017.

BABALI, Banaki. Turkish Influence in Central Asia: Turkey’s sphere of influence has been expanding into Central Asia, thanks to the country’s soft power and a vacuum created by the gradual waning of Russian power in the region. **The business year**. Disponível em: <https://thebusinessyear.com/article/turkish-influence-in-central-asia/>. Acesso em: 12 dez. 2023.

BLAINEY, Geoffrey. **Uma breve história do mundo**. São Paulo: Fundamento, 2007.

BONIFACE, Pascal. **Dicionário das Relações Internacionais**. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 1996.

BRZEZINSKI, Zbigniew. **The Grand Chessboard: American Primacy and its geostrategic imperatives**. New York: Basic Books, 1997.

CARLAN, Cláudio Umpierre. A política de Constantino e a formação do Império Romano do Oriente. **Anos 90**. Porto Alegre, v. 16, n. 30, p. 61-75, dez. 2009.

CENTRO CULTURAL BRASIL TURQUIA. **A história da República**. Disponível em: <http://brasilturquia.com.br/a-historia-da-republica-243.html>. Acesso em: 02 dez. 2023.

CENTRO CULTURAL BRASIL TURQUIA. **A população da Turquia**. Out. 2014. Disponível em: <http://brasilturquia.com.br/a-populaco-da-turquia-180.html>. Acesso em: 02 dez. 2023.

CENTRO CULTURAL BRASIL TURQUIA. **História da Turquia até 1923**. 2010a. Disponível em: <http://brasilturquia.com.br/sub.php?id=242>. Acesso: em 02 dez. 2023.

CENTRO CULTURAL BRASIL TURQUIA. **O País**. 2010b. Disponível em: <http://brasilturquia.com.br/o-pais-225.html>. Acesso em: 02 dez. 2023.

CENTRO CULTURAL BRASIL TURQUIA. **Órgãos fundamentais do Estado**. 2010c. Disponível em: <http://www.brasilturquia.com.br/orgos-fundamentais-do-estado-246.html>. Acesso em: 02 dez. 2023.

FERRO, Marc. **O Choque do Islã. Séculos XVIII-XXI**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2008.

FIGUEIREDO, Felipe. O legado maldito de Henry Kissinger e de sua lupa de ver o mundo. **Gazeta do Povo**. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/filipe-figueiredo/o-legado-maldito-de-henry-kissinger-e-de-sua-lupa-de-ver-o-mundo/>. Acesso em: 07 dez. 2023.

HUSSEIN, Uhammad. **A Estratégia Militar Turca no Norte da África e América do Sul. Impactos Geopolíticos para o Brasil. DefesaNet**. Disponível em: <https://www.defesenet.com.br/tecnologia/a-estrategia-militar-turca-no-norte-da-africa-e-america-do-sul-impactos-geopoliticos-para-o-brasil/>. Acesso em: 05 dez. 2023

JUNIOR GOLDSCHMIDT, Arthur; AL-MARASCHI, Ibrahim. **Oriente Médio: uma história concisa o Oriente Médio**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

KATERSKY, Aaron. **Federal corruption probe scrutinizing possible Turkish links to NYC Mayor Eric Adams' campaign: Sources**. Disponível em: <https://abcnews.go.com/US/federal-corruption-probe-possible-turkish-links-eric-adams-campaign/story?id=104830059>. Acesso em: 15 dez. 2023

KEEGAN, John. **A Guerra do Iraque**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2005.

KHANNA, Parag. **The Second World: how emerging powers are redefining global competition in the twenty-first century**. New York: Random House Trade Paperback, 2009.

LOPES, Margarida Santos. **Novo Dicionário do Islão**. 2. ed. Alfragide: Casa das Letras, 2010.

MANSOOR, Peter R. **Bagdá ao Amanhecer: a guerra de um comandante no Iraque**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2011.

MARSHAL, Tim. **Prisioneiros da Geografia: 10 mapas que explicam tudo o que você precisa saber sobre política global**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

MEIHY, Murilo. **Os libaneses**. São Paulo: Contexto, 2016.

ORGANIZATION OF TURKIC STATES. **Organization of Turkish States**. Disponível em: <https://www.turkicstates.org/en/turk-konseyi-hakkinda>. Acesso em: 12 dez. 2023.

POGGIO, Guilherme. Navio de apoio aos palestinos é atacado pela Marinha de Israel: TV israelense fala em 19 mortos. **Poder Naval**. Disponível em: <https://www.naval.com.br/blog/2010/05/31/navio-de-apoio-aos-palestinos-e-atacado-pela-marinna-de-israel/>. Acesso em: 19 dez. 2023.

Por que o mundo está de olho na eleição presidencial da Turquia. **BBC News Brasil**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cn3vd22zk7no>. Acesso em: 11 dez. 2023.

REPUBLIC OF TURKIYE. Ministry of Foreign Affairs. **Enterprising and humanitarian foreign policy: a synopsis**. 2022a. Disponível em: <https://www.mfa.gov.tr/synopsis-of-the-turkish-foreign-policy.en.mfa>. Acesso em: 03 dez. 2023.

REPUBLIC OF TURKIYE. Ministry of Foreign Affairs. **Türkiye-Africa Relations: Africa**. 2022b. Disponível em: <https://www.mfa.gov.tr/turkiye-afrika-relations.en.mfa#:~:text=T%C3%BCrkiye%20attaches%20importance%20to%20opening,to%2044%20as%20of%202022>. Acesso em: 03 dez. 2023.

REPUBLIC OF TURKIYE. Ministry of Foreign Affairs. **Turkish citizens living abroad: enterprising and humanitarian foreign policy**. 2022c. Disponível em: <https://www.mfa.gov.tr/the-expatriate-turkish-citizens.en.mfa>. Acesso em: 05 dez. 2023.

REPUBLIC OF TURKIYE. Ministry of Foreign Affairs. **Türkiye and the African Union**. 2022d.

- Disponível em: <https://www.mfa.gov.tr/turkiye-and-the-african-union.en.mfa>. Acesso em: 13 dez. 2023.
- RUFIN, Jean-Christophe. **O império e os novos bárbaros**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1996.
- HUNTINGTON, Samuel, P. **O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
- SAVELLE, Max et al. **História da Civilização Mundial**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1968. v. IV.
- SILVA, Edilson Adão Cândido da. **Oriente Médio: a gênese das fronteiras**. São Paulo: Zapt Editora, 2010.
- STATISTA. **Largest economies worldwide in 2022, by gross domestic product**. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/268173/countries-with-the-largest-gross-domestic-product-gdp/>. Acesso em: 11 nov. 2023.
- TAYLOR, Rob. **Pipeline politics in Syria: you can't understand the conflict without talking about natural gas**. Disponível em: <http://armedforcesjournal.com/pipeline-politics-in-syria/>. Acesso em: 22 nov. 2023.
- THE INTERNATIONAL INSTITUTE OF STRATEGIC STUDIES – IISS. **The Armed Conflict Survey 2022: the worldwide review of political, military and humanitarian trends in current conflicts**. Londres: Routledge, 2022.
- THE WORLD BANK. **Turkiye**. Disponível em: <https://data.worldbank.org/country/TR>. Acesso em: 05 dez. 2023.
- TOSTA, Octavio. **Teorias geopolíticas**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984.
- TURKEY-Israel Relations. **Jewish Virtual Library**. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/turkey-israel-relations>. Acesso em: 07 dez. 2023.
- TURKIYE. **European Commission**. Disponível em: [https://neighbourhood-enlargement.ec.europa.eu/enlargement-policy/turkiye\\_en](https://neighbourhood-enlargement.ec.europa.eu/enlargement-policy/turkiye_en). Acesso em: 07 dez. 2023.
- UNDP. **Turkiye. Turkey is in the top human development category for the second time in the Human Development Index**. Disponível em: <https://www.undp.org/turkiye/news/turkey-top-human-development-category-second-time-human-development-index>. Acesso em: 09 dez. 2023.
- UNITED NATIONS. United Nations Peacekeeping Force in Cyprus. **Events in the Summer of 1974**. Disponível em: <https://unficyp.unmissions.org/events-summer-1974>. Acesso em: 07 dez. 2023.
- UNITED STATES. CIA. **Turkie (Turkiye) – Country Summary**. Disponível em: <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/turkey-turkiye/summaries/#government>. Acesso em: 09 dez. 2023.
- UNITED STATES OF AMERICA. Department of State. **The Cuban Missile Crisis, October 1962**. Disponível em: <https://history.state.gov/milestones/1961-1968/cuban-missile-crisis>. Acesso em: 07 dez. 2023.
- UNITED STATES OF AMERICA. The White House. **Statement by President Joe Biden on Armenian Remembrance Day**. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/briefing-room/statements-releases/2021/04/24/statement-by-president-joe-biden-on-armenian-remembrance-day/>. Acesso em: 16 dez. 2023.
- VIZENTINI, Paulo Fagundes. **As relações internacionais da Ásia e da África**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.